



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

A antropologia de Ireneu de Lião como contraponto à visão de ser humano dos gnósticos

The anthropology of Ireneu of Lyon as a counterpoint to the gnostic vision of human being

La antropología de Ireneo de Lyon como contrapunto a la visión gnóstica del ser humano

Maycon Renan da Silva Santos Boni¹

orcid.org/0000-0003-0698-1199
mayconrenan2@hotmail.com

Recebido em: 20/04/2022.

Aprovado em: 30/05/2022.

Publicado em: 18/08/2022.

Resumo: Ireneu de Lião elaborou sua teologia para refutar o pensamento dos gnósticos que distorciam as Escrituras e ensinavam que havia três tipos de ser humano: hílico, psíquico e espiritual. Ireneu se dedicou a conhecer a doutrina deles, estudou de forma minuciosa o seu pensamento, e procurou apresentar a doutrina cristã, com base na Tradição dos apóstolos e na Escritura. A antropologia de Ireneu é bíblica, é otimista e, segundo ela, o ser humano é uma unidade de corpo, alma e espírito. Além disso, o ser humano foi criado por Deus para ter a visão de Deus um dia, ou seja, alcançar a divinização.

Palavras-chave: Antropologia. Gnósticos. Ireneu de Lião. Salvação.

Abstract: Ireneu of Lião developed his theology to refute the thought of the Gnostics who distorted the Scriptures and taught that there were three types of human being: hyllic, psychic and spiritual. Ireneu dedicated himself to knowing their doctrine, studied their thought in detail, and sought to present the Christian doctrine, based on the Tradition of the apostles and Scripture. Ireneu's anthropology is biblical, optimistic, and according to him, the human being is a unity of body, soul and spirit. Furthermore, the human being was created by God to have the vision of God one day, that is, to achieve divinization.

Keywords: Anthropology. Gnostic. Ireneu of Lião. Salvation.

Resumen: Ireneo de Lyon desarrolló su teología para refutar el pensamiento de los gnósticos que distorsionaron las Escrituras y enseñaban que había tres tipos de seres humanos: hílicos, psíquicos y espirituales. Ireneo se dedicó a conocer su doctrina, estudió en detalle su pensamiento y buscó presentar la doctrina cristiana, basada en la Tradición de los apóstoles y la Escritura. La antropología de Ireneo es bíblica, optimista, y según él el ser humano es una unidad de cuerpo, alma y espíritu. Además, el ser humano fue creado por Dios para tener un día la visión de Dios, es decir, para lograr la divinización.

Palabras clave: Antropología. Gnósticos. Ireneo de Lyon. Salvación.

Introdução

A teologia de Ireneu de Lião possui uma unidade, mas pode-se dizer que ela se divide em três eixos principais: antropologia, cristologia e protologia. A cristologia é o centro de tudo, pois Cristo está presente na criação (protologia) e é o mesmo que se encarna e revela ao ser humano quem é o próprio ser humano (antropologia).



¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil.

Em relação à antropologia gnóstica, existem três tipos de ser humano: hilico, que é o ser humano tirado da terra, e este é incapaz de receber a salvação; o ser humano psíquico, que pode ou não se salvar, dependendo das suas escolhas; e o ser humano espiritual, que é destinado à salvação. A salvação se trata de um conhecimento perfeito revelado aos eleitos, por isso gnose significa "conhecer". Ao conhecer, o ser humano precisa se libertar do corpo, do mundo, da matéria e ir para o "lugar" destinado aos eleitos.

A antropologia ireneana tem uma visão otimista. O ser humano é uma unidade constituída de corpo, alma e espírito, é criado por Deus como criança à sua imagem e semelhança. A imagem diz respeito ao Verbo que é imagem de Deus; e semelhança diz respeito ao Espírito que o ser humano deve receber durante a vida para crescer espiritualmente cada vez mais. Segundo Ireneu, por ter sido criado criança, o ser humano deveria crescer, por isso, quando surge o pecado original, Ireneu argumenta que o ser humano era criança quando foi criado e, por ser criança, foi facilmente enganado.

De acordo com o bispo de Lião, com o pecado o ser humano perdeu a semelhança, mas não perdeu a imagem que tinha; essa apenas ficou ofuscada. Ele dará uma maior ênfase na encarnação do Verbo de Deus que vem e restaura a imagem ofuscada e devolve a semelhança perdida ao ser humano. Assim, a encarnação é um ponto importante na teologia de Ireneu de Lião.

Tendo partido da concepção gnóstica de ser humano, no presente artigo será apresentada a noção ireneana que está em consonância com a visão de ser humano presente na Sagrada Escritura. Serão apresentados os pontos: a) o ser humano como unidade: corpo, alma e espírito; b) o ser humano à imagem e semelhança de Deus; c) a função do Espírito na antropologia de Ireneu de Lião; e d) o ser humano em processo de crescimento.

Antropologia gnóstica

Para os gnósticos, os tipos de seres humanos são três: os pneumáticos, os psíquicos e os hilicos. Os primeiros, isto é, os pneumáticos, são salvos plenamente e reunidos ao *Pleroma* (plenitude), os segundos, ou seja, os psíquicos, apenas em parte, e os terceiros, os hilicos, não podem alcançar a salvação e, portanto, perecem.

O ser humano hilico (irracional) foi configurado pelo *Demiurgo*, e é o limo de Gn 2,7a.² O ser humano psíquico (racional) contém a essência do *Demiurgo*, segundo Gn 2,7b.³ Por fim, o ser humano espiritual provém da substância de Sofia. Essas três naturezas são substâncias separáveis, com dinamismos e, também, com atos próprios (ORBE, 1969, p. 71).

De acordo com Ireneu de Lião, os tipos de seres humanos (hilicos, psíquicos e pneumáticos) são três tipos distintos assim como foram Caim, Abel e Set, de modo que os gnósticos pretendem estabelecer a existência de três naturezas, não nos indivíduos, mas no conjunto do gênero humano. Ireneu diz que, para os gnósticos, o ser humano acabará na corrupção. O ser humano psíquico, caso faça a escolha pelo melhor, repousará no Intermediário, porém caso escolha o pior, acabará com os seus semelhantes. O ser humano pneumático, por sua vez, que Acamot coloca como semente nas almas dos justos, são educados, desenvolvidos, por serem emitidos bem pequenos, e depois feitos dignos de perfeição, serão finalmente dados em casamento aos Anjos que acompanham o Salvador, enquanto suas almas serão necessariamente refrigeradas no Intermediário com o *Demiurgo* eternamente (Ch I, 7,5). Nesse sentido, a ordem de dignidade dos tipos de seres humanos é a seguinte: primeiro, Espiritual, segundo, Psíquico e, terceiro, Hilico.

Todavia, a ordem de aparição e desenrolar vai inversamente à sua dignidade, pois em primeiro lugar existe o ser humano hilico, logo depois o psíquico e, por último, o pneumático. O hilico procede de uma matéria irracional influída e modelada pelo *Demiurgo*, à sua própria imagem, visto

² "Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo" (Gn 2,7a). (Tradução a partir da *Bíblia de Jerusalém*).

³ "Insufiou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2,7b). (Tradução da *Bíblia de Jerusalém*).

que é matéria viva somente plasmada, começa a viver a vida humana (em corpo e organismo de ser humano) material antes mesmo da infusão do psíquico.

O psíquico, por sua vez, vem por emissão substantiva do *Demiurgo*, mas somente começa a sua vida de ser humano ao adentrar-se no material e adquirir em seu interior a forma de *anthropos* (homem/ser humano). Finalmente, o pneumático tem procedência em *Sofia*, à maneira também substancial, e começa sua existência humana, infundido no seu psíquico, ao adquirir através dela, a forma de corpo. Ainda que haja interação entre os três, porque todos esses adotam por virtude do plasma uma formação comum – a forma de ser humano –, cada um tem sua natureza, especificamente diversa, e seu exercício paralelo (ORBE, 1969, p. 71-72).

Ireneu, na sua teologia, vai rebater essa concepção gnóstica de três tipos de seres humanos, de modo que para ele não existem três espécies de seres humanos. Para ele, o ser humano é único em natureza, o ser humano ireneano, seguindo a concepção bíblica, é formado de corpo, alma e espírito.⁴ Ireneu também refutará a ideia do ser humano à imagem do *Demiurgo* e também a própria ideia dos seres humanos eleitos, escolhidos, já que, para ele, não existe ser humano "escolhido", mas todos são chamados à visão de Deus.

No fundo, o que está em jogo é a ideia de salvação do ser humano, pois o gnóstico não sente necessidade de crer, mas de conhecer.⁵ Portanto, "ele conhece, ele se conhece, ele se conhece ao conhecer seu 'verdadeiro eu', seu 'eu essencial', que ele conhece em termos de uma 'semente divina' ou de uma 'centelha de vida', aprisionada em seu corpo" (SINGLES, 2010, p. 23). Nesse sentido, para alcançar a salvação é preciso conhecer e, por isso, gnose significa conhecimento.

A salvação consiste no conhecimento que ele recebeu da sua verdadeira natureza. Conhecendo,

o gnóstico pode readquirir novamente o mundo superior de onde ele veio. Nesse sentido, o gnóstico que se considera espiritual, também precisa se libertar do corpo em que é prisioneiro, e dessa maneira, "a salvação gnóstica não é *reconciliação*, mas reintegração da centelha divina no Uno supremo. Assim sendo, o gnóstico não precisa de um Salvador, mas de um conhecimento transmitido aos privilegiados" (SINGLES, 2010, p. 23).

Antropologia ireneana: O ser humano como unidade de corpo, alma e espírito

Ireneu, além da noção escriturística,⁶ vale-se também da noção filosófica de ser humano, de modo a compreender a noção filosófica do ser humano composto de alma e corpo. Assim, tal noção tem para Ireneu sua verdade, pois a queda no meio do caminho é aceitável grosso modo. Sendo assim, a filosofia harmoniza-se com a Escritura que, superando a descrição de ser humano conforme os elementos (plasma e sopro de vida) físicos, a define como sendo indivíduo plasmado à imagem e semelhança de Deus.

O teólogo de Lião constrói sua antropologia sobretudo do corpo, e certamente conhece e também se utiliza da definição corrente do ser humano, composto de uma alma e de um corpo, entretanto ela não lhe parece suficiente, pois ainda falta algo. Por isso, ele segue uma inspiração paulina na qual a noção de Espírito que é dada ao ser humano é muito importante. Só o Espírito pode levar o ser humano à perfeição (SESBOÜÉ, 2003, p. 91). Como dizem alguns padres, tal perfeição é o mesmo que deificação (divinização) do ser humano.

Ireneu salva a concepção aristotélica de ser humano, composto de alma (racional) e corpo; este seria, então, animal racional, e jamais superaria esta espécie. Enquanto, para a concepção platônica de ser humano, composto de alma desterrada no corpo, provém de uma caída inicial, pois define o ser humano por elemento divino de

⁴ Mesma visão de Paulo em 1Ts 5,23. Ireneu também se inspira muito em Paulo na construção de muitos elementos de sua teologia, sobretudo de sua antropologia. A antropologia ireneana é uma antropologia semita.

⁵ Essa concepção se confronta diretamente com o Evangelho de João, pois nele o verbo "crer" é recorrente. Aliás, "crer" é o verbo mais importante de João.

⁶ Escriturística diz respeito às Escrituras Sagradas, Bíblia.

origem. Para o conceito pagão basta a primeira concepção, ou seja, o ser humano como animal racional, formado de alma racional e corpo animal; para o cristianismo faltaria o elemento espiritual, o divino (ORBE, 1969, p. 20). Ireneu de Lião salva ambas as coisas e “não hesita em acolher a noção primeira – animal racional, composto de alma e corpo – para completá-la segundo a Escritura. No próprio conceito de homem deve haver lugar para os desígnios de Deus sobre ele”⁷ (ORBE, 1969, p. 20, tradução nossa). Ireneu, então, une as concepções aristotélica e platônica de ser humano para que assim, esteja conforme a concepção de ser humano de acordo com as Escrituras.

Por outro lado, ele rechaça a procedência divina do ser humano, segundo a qual provém do platonismo com seu pessimismo, e “rejeita a origem divina do homem, a que propende ao platonismo, assim como o pessimismo inerente ao mundo sensível”⁸ (ORBE, 1969, p. 20, tradução nossa). Embora Ireneu conheça a concepção aristotélica e platônica, ele está em perfeita consonância com a concepção de ser humano presente na *Bíblia*, isto é, o ser humano é uma unidade formada de corpo, alma e Espírito.

A palavra “alma” traduz o termo bíblico *nefesh*.⁹ No pensamento semítico, a *nefesh* não se constitui de uma pré-existência, nem de um vínculo com a divindade, mas pertence ao mundo criado.

Além disso, ela também não é considerada uma essência substancial separada do corpo. A *nefesh* ou alma do ser humano, está ligada ao sopro que o primeiro ser humano recebeu de Deus nas suas narinas. A *nefesh* não está no corpo, mas ela é o corpo, na medida que o corpo está vivo (SINGLES, 2010, p. 37-38).

Nesse sentido, a *nefesh* é como que a maneira de ser do ser humano. A presença do ser humano no mundo só é possível graças à *nefesh*, e tudo o que o ser humano experimenta é graças a ela. A partir do momento que a *nefesh* se retira do ser humano, ele morre e é obrigado a ir para “outro lugar”.

Além da *nefesh*, o hebraico utiliza outra palavra para falar do ser humano: a *rûah*,¹⁰ que em português se diz “espírito”. A *rûah* é o “sopro divino”, o sopro verdadeiro que anima o ser humano, e que faz como que o ser humano seja uma *nefesh*. A *rûah* vem de Deus; está no ser humano, mas não é do ser humano. Através da *rûah* o ser humano é capaz de receber o Espírito de Deus (SINGLES, 2010, p. 38). Nesse sentido, para falar em que medida o ser humano é perfeito, Ireneu afirma que “o homem perfeito é a composição e união da alma que recebe o Espírito do Pai e está unida à carne, plasmada segundo a imagem do Pai” (*Ch V*, 6,1).

Para Ireneu, o ser humano é composto de

⁷ Do original: No repara em acoger la noción primera – animal racional, compuesto de alma y cuerpo – para completarla según la Escritura. Em el concepto mismo del hombre há de haber lugar para los desígnios de Dios sobre él.

⁸ Do original: Rechaza el origen divino del hombre, a que propende el platonismo, así como el pessimismo inherente al mundo sensible.

⁹ *Nefesh* diz respeito à alma. McKenzie infere que o conceito expresso por *nefesh* não pode ser expresso por um só termo nas línguas modernas, mas é preciso procurar o significado básico e descrevê-lo. Segundo McKenzie, J. Pedersen explica que o ser humano em sua essência total é *nefesh*. E. Jacob define a *nefesh* como uma totalidade psicofísica. Pedersen acrescenta que a *nefesh* é uma totalidade, como uma marca particular: não é concebida abstrata e essencialmente, mas concreta e existencialmente como esta *nefesh* nesta maneira e condição concreta de ser. Não fica claro, porém, se Pedersen acrescenta algo estranho à *nefesh*. Ele anota que se usar o singular para a *nefesh* de um grupo (Gn 23,8; Nm 11,6; 21,5) Sl 33,20; 44,26) e considera a *nefesh* de um grupo, como a do indivíduo, como uma unidade e totalidade psíquica. A palavra-chave nestas análises é totalidade, mas deve-se ir além. Parece que o significado fundamental pode ser entendido melhor nos casos onde *nefesh* é traduzida por “eu” ou “pessoa”, porém significando o eu existente em concreto. É o “eu” precisamente como “eu pessoal”, como sujeito consciente de ação e paixão, enquanto distinto dos outros “eu” (ou) grupos de “eu”, como Pederson anotou. Consciência é vida, manifestação da *nefesh*. Não é insignificante o fato de que a *nefesh* não seja o sujeito das sensações; estas são atribuídas aos órgãos externos do sentido, pois o “eu” é considerado como distinto dos seus olhos, ouvidos, etc. Talvez o Ego da psicologia moderna se aproxime mais do que qualquer outra palavra e um paralelo com *nefesh*, e *nefesh* é o termo hebraico que mais se aproxima de pessoa no sentido psicológico, ou seja, um sujeito consciente. No AT, o conceito grego de alma é *psyché* de modo que aparece somente em Sb (cf. 3,1; como pré-existente em 8,19-20) (MCKENZIE, 2015, p. 25-26).

¹⁰ De acordo com McKenzie, o termo hebraico *rûah* não se pode traduzir por um único termo nem é totalmente exato dizer às vezes significa hálito, e às vezes vento, às vezes espírito etc. O espírito no AT, originalmente o vento e o sopro é concebido como uma entidade divina dinâmica, pela qual lahweh realiza seus objetivos: ele salva, é uma força criadora e carismática, e como agente da sua ira é um poder demoníaco. Todavia, é impessoal. Como o vento, do qual não se pode descobrir sua origem e nem seu destino, e a ele são atribuídos os efeitos que aos seres humanos parecem misteriosos. Ele é posto colocado em contraste com a carne; o espírito é diverso da carne como o ser humano de El, a divindade (Is 31,3). Isso não significa espiritual no sentido imaterial; não é evidente que o conceito do imaterial existisse no AT. O espírito não é posto ao material (para o qual não há termo hebraico), mas à carne: a parte mortal, corruptível, fraca e pecadora do ser humano. O espírito não é carne; e o AT não pôde falar mais nada a esse respeito. De acordo com McKenzie, o termo grego que traduz espírito no NT é *pneuma* (MCKENZIE, 2015, p. 277, 279).

corpo e alma, e recebe o sopro de vida ou o Espírito de Deus, que é algo extrínseco ao ser humano. É o Espírito de Deus que dá vida ao ser humano. A alma, não é ela própria a vida do ser humano, mas participa da vida que Deus lhe deu. É possível distinguir a força divina que anima o ser humano (sopro de vida) e o Espírito vivificante? Singles (2010, p. 39) explica que essa é uma questão delicada que criou vários problemas aos comentadores de Ireneu. Todavia, o que importa frisar é o fato de que, para Ireneu, a fonte de toda animação humana é divina.

Souza (2009, p. 133) infere que Ireneu faz uma distinção entre ambos¹¹ a fim de identificar a fase terrena e a celeste, próprias da carne. O primeiro foi soprado em Adão e toda humanidade o recebeu. O Espírito foi enviado nos últimos tempos, mas somente aos filhos adotivos de Deus. Dessa forma, se o sopro é temporal, ao contrário, o Espírito é eterno. No sopro existe a possibilidade da morte, no Espírito o penhor da vida.

Dessa maneira, Ireneu confronta o princípio vital distinguindo o sopro da primeira criação e o dom do Espírito infundido no final dos tempos. Pode-se, portanto, mencionar em duas fases: a primeira fase, a criação, o ser humano foi feito e animado, passando a viver sua natureza; a segunda fase, a criatura entra em comunhão do Espírito passado, assim, ao "estado sobrenatural". Ireneu apresenta, com isso, uma antropologia que tem como objeto é que um ser desde sua origem foi destinado a se desenvolver movido pela potência de Deus.

O ser humano à imagem e semelhança de Deus

Em *Demonstração*,¹² Ireneu confirma que Deus criou o ser humano com suas "Mãos", tomando da terra o que existia de mais puro e mais fino, e misturando, na medida certa, a sua potência. Além disso, Deus traçou sobre esse composto o seu próprio perfil, de modo que o que seria visível levasse a imagem divina, pois como imagem de Deus, o ser humano foi plasmado e colocado na

terra. Também para que se tornasse ser vivo, Deus soprou sobre o rosto do ser humano o hálito vital, de modo que, no espírito e no físico, o ser humano fosse semelhante a ele. Ireneu ainda diz que o ser humano foi criado por Deus livre e autônomo para dominar todos os seres da terra (*Dem.* 11).

A matéria do corpo humano, segundo Ireneu, é o pó mais fino e mais puro da terra. Além disso, misturou uma potência divina, isto é, a própria virtude de Deus misturada ao pó da terra, de modo que o desenho das formas divinas estava presente na carne do ser humano. No ser humano, Deus plasmou a sua fisionomia e insuflou o hálito da vida, dotou esse ser humano de liberdade e autonomia. Essa visão antropológica do teólogo de Lião é positiva, pois é possível perceber a grande dignidade que o ser humano tem.

Ireneu vê o ser humano imerso no desígnio salvífico de Deus e o define tendo como base tal desígnio. E, o que Deus quer dele? A perfeição da imagem e da semelhança, que é o que determina mais em profundidade seu ser. Seguindo essa concepção, o ser humano não pode atingir sua própria perfeição, se não estiver com a força de Deus, ou seja, com o Espírito Santo. Esse é o elemento transcendente que o ser humano, como sendo unidade de corpo e alma, recebe (SESBOÛÉ, 2003, p. 91).

De acordo com a antropologia do teólogo de Lião, Deus não cria o ser humano pronto e plenamente acabado. O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus através do Filho e do Espírito Santo. Nesse sentido, Deus concede à sua mais nobre criatura uma projeção dinâmica para que possa aperfeiçoar-se a fim de atingir sua plenificação (MAIA, 2013, p. 141).

O ser humano é formado à imagem de Deus. De que Deus? De Cristo, que é a imagem do Deus invisível, que o Pai contemplou como paradigma da criação humana. A carne que Deus fabricou com as suas Mãos é a imagem de Deus (ORBE, 1969, p. 97). Portanto, Cristo é a imagem do Deus invisível, e o ser humano é criado à imagem do Filho que é imagem de Deus Pai.

¹¹ Sopro de vida e Espírito.

¹² Obra teológica de Ireneu conhecida como seu "pequeno catecismo".

O ser humano é formado à semelhança de Deus. Para Ireneu, enquanto a imagem em linhas gerais, relaciona-se com a figura externa, a semelhança relaciona-se com a qualidade dinâmica. A semelhança se diz em rigor de qualidade e não de substância. Isso diferencia-se da imagem que, para ser perfeita, reclama essência comum com o exemplar e, rigorosamente, é impossível entre naturezas contrárias. Imagem e semelhança dizem respeito ao ser humano único e ao Deus único, dizem respeito a uma só natureza humana em relação com o único Deus.

Para Ireneu, a semelhança tem a ver com o Espírito Santo, é dinâmica, e deveria se traduzir por "assimilação", ou imitação, porque representa o impulso para uma meta – a semelhança –, ainda não alcançada. Um estágio transitório que está fortalecendo continuamente o indivíduo na sua qualidade divina. O ser humano à "semelhança" ainda não chegou à imortalidade de Deus, mas precisa ir incrementando a semente de incorrupção inerente ao sopro de vida, isto é, o Espírito Santo (ORBE, 1969, p. 123-124). Ao falar sobre a composição do ser humano à imagem e à semelhança de Deus, Bogaz (2008, p. 88) afirma que:

O ser humano é criado no seio da matéria. Muito mais que um espírito encerrado num corpo, ele é um corpo "pneumatizado", habitado pelo Espírito divino. É a metáfora do "sopro de Javé sobre a figura da terra", inscrita na narrativa da criação. Desta feita, o ser humano é "*imago Dei*", na sua composição material, e "*similitudo Dei*", na sua dimensão espiritual (BOGAZ, 2014, p. 88).

Para o teólogo de Lião, com o pecado o ser humano perdeu a semelhança, mas não perdeu a imagem. De acordo com a antropologia de Ireneu, "com a queda, a semelhança sobrenatural ou *similitudo* do ser humano em relação a Deus se transformou e a possibilidade da incorruptibilidade se perdeu, mas a *imago* natural, pela bondade do criador continuou inalterada" (SOUZA, 2009, p. 136). Nesse sentido, Singles infere que "a bíblia judaica não conhece uma 'imagem' que estaria 'perdida' em decorrência do pecado. Do mesmo

modo, Irineu não diz em nenhum lugar que Adão ou seus descendentes deixaram de ser 'imagem de Deus' após o pecado" (SINGLES, 2010, p. 43).

Através da sua encarnação, o Verbo de Deus restituiu a semelhança (MAIA, 2013, p. 146) e fez com que se confirmassem duas coisas: "fez aparecer a imagem em toda a verdade, tornando-se a si mesmo exatamente o que era a sua imagem e restabeleceu a semelhança tornando-a estável e o homem perfeitamente semelhante ao Pai invisível por meio do Verbo visível" (*Ch V*, 16,2).

Função do Espírito na antropologia de Ireneu de Lião

O ser humano foi criado segundo a vontade de Deus, e cabe a ele progredir rumo à perfeição a qual foi chamado. Nesse sentido, o Espírito Santo tem uma função de grande importância. Os Padres da Igreja, e de maneira particular, Ireneu de Lião, atribuem à terceira pessoa da Trindade um papel fundamental (SOUZA, 2009, p. 131).

Para o teólogo de Lião, "o Espírito tem a função de nos predispor a ela [incorruptibilidade, ou divinização]; é seu selo de sua garantia 'dinâmica'" (PADOVESE, 2004, p. 81). Ireneu assegura que o Espírito predispõe e prepara o ser humano à incorruptibilidade, habituando-o paulatinamente a compreender e a trazer Deus (*Ch V*, 8,1), pois "o homem que não recebe pela fé o enxerto do Espírito, continua sendo o que era antes, isto é, 'carne e sangue não pode receber a herança do reino de Deus'¹³ (*Ch V*, 10,2).

Dessa forma, o Espírito Santo tem por função tornar o ser humano semelhante a Cristo e, assim, pela semelhança com ele o ser humano deve esperar sua divinização, sua incorruptibilidade, a assimilação a Deus (PADOVESE, 2004, p. 81). Para Ireneu, "graças ao sopro divino, o homem é inserido no mundo como aquele cujo destino não é o aniquilamento. Desde a sua criação, ele está inteiramente estabelecido sobre a vida que conduz à incorruptibilidade" (SINGLES, 2010, p. 40).

Aliás, quanto maior a presença do Espírito,

¹³ Quando Ireneu fala da carne e sangue que não podem receber a herança do reino de Deus, ele não está se referindo à carne e ao sangue, isto é, a dimensão corpórea do ser humano propriamente dita, mas em relação às obras da carne que contrapõe às obras do Espírito. Na sua antropologia, Ireneu deixa claro que Deus quer a salvação a partir da carne, pois é nela que o Verbo vem habitar.

mais vivo está o ser humano. Isso se dá em todos os campos: biológico, psíquico e espiritual. O crescimento do ser humano é sempre dom, sempre obra do Espírito (SINGLES, 2010, p. 47). Assim, os Padres da Igreja – também Ireneu –, consolidaram a ideia do Espírito Santo como uma “Pessoa” da Trindade de modo que sua função é fundamental na santificação do ser humano (SOUZA, 2009, p. 133).

O pecado e a perda da semelhança

Para Ireneu, com o pecado, o ser humano perdeu a semelhança, mas não perdeu a imagem. A imagem ficou apenas ofuscada, porém não a perdeu. A semelhança foi dada ao ser humano novamente através da encarnação do Verbo, por isso, a encarnação é um tema fundamental no pensamento do teólogo de Lião, pois, por meio dela, o Verbo recapitula em si todas as coisas, inclusive o ser humano.

O Gênesis apresenta o relato da queda do ser humano sob dois símbolos: a serpente e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Em torno desses elementos é narrado o drama da desobediência ou da infidelidade do ser humano que é criatura perante Deus que é o Criador. A maioria dos Padres – e também Ireneu –, apresenta o pecado como forma de ingratidão, e por isso concordam que a imagem divina ficou ofuscada, a semelhança decaída, de modo que na alma humana ficou estabelecida uma situação de medo e de culpa (SOUZA, 2009, p. 134).

Para o teólogo de Lião, a motivação para o pecado do ser humano não está no próprio ser humano, mas no inimigo que o enganou. Ireneu observa que “o diabo mentiu contra Deus para tentar o ser humano, como bem o indicam as palavras que a serpente dirigiu à mulher e estão registradas na Escritura” (Ch V, 23,1). Todavia, o Diabo, astuto e mentiroso, mentiu para a mulher que já tinha deixado claro sobre a lei que Deus havia dado para não comerem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois morreriam no dia que o fizessem.

Ireneu explica que

o diabo soube pelas palavras da mulher, da ordem de Deus e a enganou espertamente com uma mentira: ‘Não é verdade que morreréis, porque Deus sabe que quando o comereis, se abrirão os vossos olhos e sereis como deuses que conhecem o bem e o mal’ (Ch V, 23,1).

Ireneu comenta que o ser “insaciável” almeja o lugar do criador e, por isso, desrespeita a sua lei (SOUZA, 2009, p. 134). Ireneu usa, na sua teologia, o conceito de “desobediência” para lembrar da falta cometida pelo ser humano e desobedecer, desrespeitar a lei de Deus.

O diabo ficou sabendo pela mulher que Deus havia dito que se comessem o fruto da árvore, eles morreriam. Ireneu diz que o Diabo mentiu novamente dizendo que o homem e a mulher não morreriam. Todavia, os efeitos da desobediência mostraram que Deus estava falando a verdade, porque a morte atingiu aqueles que comeram da árvore proibida. Ireneu observa que “de fato, com aquele alimento, atraíram a morte sobre si, porque comeram desobedecendo, e a desobediência a Deus atrai a morte. Por isso, desde então, foram entregues à morte porque se tinham tornado devedores dela” (Ch V, 23,1).

De acordo com Ireneu, o homem e a mulher morreram no mesmo dia em que comeram o fruto, e se tornaram devedores da morte, porque a criação se deu em um só dia: “houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia” (Gn 1,5). Ireneu fala que se se quer saber exatamente o dia certo da semana em que Adão morreu, é possível encontrar tal resposta na economia do Senhor, que recapitulou em si todo o ser humano do princípio ao fim; o Senhor também recapitulou a morte.

Ireneu interpreta que é evidente que o Senhor, obedecendo a seu Pai, sofreu a morte naquele mesmo dia em que Adão morreu, por ter desobedecido a Deus. O dia em que morreu é também aquele em que Adão comeu o fruto proibido. Assim, recapitulando em si esse dia, o Senhor sofreu a paixão na véspera do sábado, que é o sexto dia da criação e o dia em que foi plasmado o ser humano, de modo que efetua nele, por meio da sua paixão, a segunda modelagem que se faz pela morte. Portanto, Adão morreu na sexta-feira, dia que o Senhor deu a conhecer tornando-o dia

da sua paixão (*Ch V, 23,2*).

Após a queda do ser humano, Ireneu aponta que Deus amaldiçoou a serpente, que era o Diabo que havia se disfarçado para enganar o ser humano. A maldição alcançou o próprio animal e o anjo que havia sido escondido nele, Satanás. Quanto ao ser humano, Deus o expulsou da sua presença, mandando-o habitar então no caminho que conduz ao Jardim, porque no Jardim não admite pecador (*Dem. 16*).

É possível perceber que com a desobediência e queda de Adão, houve como que uma desarmonia em relação à ordem das coisas criadas. Adão e sua companheira, Eva, experimentaram muitas situações difíceis que até então não haviam experimentado. O ser humano criado para ver Deus o desobedeceu. Ireneu assevera que:

Expulsos do Jardim, Adão e sua mulher, Eva, fizeram experiência de muitas tribulações físicas e espirituais, e viveram neste mundo na tristeza, na fadiga e nos lamentos. Sob os raios do sol, o homem arava a terra e essa lhe produzia, castigado pelo pecado, espinhos e ervas daninhas (*Dem. 17*).

Como punição ao homem e à mulher, Deus os expulsou do Jardim. O homem passou a ter que arar a terra, e com esforços, trabalhar duro para conseguir o próprio sustendo. A mulher, para dar à luz aos filhos passou a sentir dores de parto etc. A vida já não era como no Jardim: na tranquilidade e pureza.

De acordo com Ireneu, Adão se arrependeu, e como forma de arrependimento, cobriu-se com folhas de figueira, sendo que poderia se cobrir com folhas menos cômodas para seu corpo. As folhas, na verdade, correspondiam à sua desobediência. Adão estava tomado pelo temor de Deus, e revestiu-se a si mesmo e a mulher com freio de continência, esperando com temor a chegada de Deus. Todavia, o Senhor preparou para o ser humano vestes de misericórdia, e o revestiu com túnicas de pele em lugar de figueira (*Ch III, 23,5*).

Através de sua desobediência, o ser humano atraiu para si e para todo o gênero humano a morte. As palavras de Deus presentes no livro do Gênesis eram claras: "mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque

no dia em que dela comeres terás que morrer" (*Gn 2,17*). Assim se cumpriu: a morte atingiu o ser humano.

A razão de Deus afastar o ser humano da árvore da vida e impor a morte sobre o ser humano é:

Por compaixão do homem, para que não ficasse para sempre culpado e para que o pecado, que estava nele, não fosse imortal e o mal não fosse sem fim incurável. Parou, portanto, a transgressão, interpondo a morte e fazendo cessar o pecado, estabelecendo-lhe um limite na dissolução da carne na terra, para que, cessando de vez de viver no pecado e morrendo para ele, começasse a viver para Deus (*Ch III, 23,7*).

Na teologia ireneana, a morte é vista como positiva, pois ela tem uma função de corrigir o ser humano. É precisamente a fidelidade de Deus que o obriga a castigá-lo. Se Deus não o tivesse castigado, ele permaneceria no pecado, de modo que o mal iria se perpetuar. Foi a misericórdia de Deus que fez com que o ser humano fizesse cessar o pecado com a morte.

Ireneu explica que Deus coloca a inimizade entre a mulher e a serpente, de modo que ele interpreta como sendo vitória da descendência da mulher, o filho de Maria (MAIA, 2013, p. 152). Ireneu observa que o pecado que tinha se levantado e estava se levantando contra o ser humano tirando a sua vida, seria destruído e com ele também seria destruído o império da morte, e seria pesado pela descendência da mulher (*Ch III, 23,8*).

Na cristologia ireneana Deus resgata o ser humano, pois este foi enganado pela serpente. Aqui está também uma das razões importantes da encarnação do Verbo de Deus, pois assim como o inimigo seduziu o ser humano a cair no erro, o Verbo de Deus veio para exortá-lo – jamais forçá-lo –, a seguir a Deus. O Verbo de Deus veio como redentor, de modo que derrama seu sangue na cruz para libertar o ser humano do cativo em que estava por causa do pecado.

Ireneu assegura que a redenção manifesta a Justiça do Verbo, frente ao regime iníquo do inimigo. O Verbo que é o Senhor não usa de violência para redimir o ser humano, mas procede razoavelmente pelo caminho do sacrifício espiritual e pela persuasão. A Deus compete aconselhar,

respeitando a condição livre do ser humano, e levar, por meio da persuasão, à fé. O conselho exterior, agrega, como Deus, a graça do influxo interno (ORBE, 1985, p. 68-69).

O ser humano em processo de crescimento

Segundo Ireneu, o ser humano é criado por Deus como criança e precisa crescer para atingir o seu estado adulto. Ele é criado à imagem e semelhança de Deus, mas essa imagem é ainda fragilizada, e não perfeita e plena, pois ele precisa abrir-se ao Espírito durante sua vida e, assim, assemelhar-se gradativamente ao Verbo, protótipo segundo o qual foi criado. Dessa forma, pode-se falar da vocação do ser humano. E qual é? Ultrapassar o seu estado original e tornar-se imagem e semelhança de Deus.

Nesse sentido, sobre o estado de infantilidade do homem e da mulher no início da criação, Antonio Orbe diz que "Adão e Eva possuíam uma índole e inteligência infantis, como cumpre a indivíduos recém vindos à existência e chamados a crescer e fazer-se homens perfeitos"¹⁴ (ORBE, 1969, p. 210, tradução nossa). Por isso, segundo a teologia ireneana, o ser humano é como que "inocente". Em Ireneu, a própria noção de pecado original não é tão pessimista no sentido de que, se o ser humano pecou, é porque era criança, foi criado imperfeito, mas com vistas à perfeição.

Ireneu questiona se Deus não podia fazer o ser humano perfeito desde o princípio. Ele mesmo responde que, Deus é incriado e é sempre o mesmo, mas as criaturas, enquanto receberam depois o início da existência, eram necessariamente inferiores a quem as fez. Entretanto, era impossível que seres criados há pouco fossem incriados, e, por esse motivo, estão abaixo da perfeição, e por serem subsequentes, são como criancinhas e, como tais, não estão acostumados nem treinados para a disciplina perfeita. Deus podia fazer o ser humano perfeito desde o início? Sim, Ele podia, mas o ser humano era incapaz de recebê-la, justamente por ser como criancinha.

Por isso, o Senhor poderia ter vindo na sua glória indescritível, mas o ser humano não poderia suportar a grandeza da sua glória.

Como criancinhas, o Pão perfeito do Pai se deu a si mesmo na forma de leite – e esta foi a sua vinda como ser humano, para que, alimentados, por assim dizer, ao seio de sua carne, e tornados aptos por esta amamentação a comer e a beber o Verbo de Deus, o ser humano pudesse reter em si mesmo o Pão da imortalidade, que é o Espírito do Pai (Ch IV, 38,1).

Mas o ser humano não possuía o Espírito desde o início? Responde Ireneu: "Fostes instruídos sobre a vinda do Senhor como homem, mas o Espírito do Pai ainda não repousa sobre vós por causa da vossa fraqueza" (Ch IV, 38,1), e acrescenta: "o Espírito do Pai ainda não estava sobre ele por causa da sua imperfeição e fraqueza de conduta" (Ch IV, 38,1). O ser humano deve crescer, progredir para tornar a sua imagem e semelhança perfeita como a do Verbo, como afirma:

Esta é a ordem, o ritmo, o movimento pelo qual o homem criado e modelado adquire a imagem e semelhança do Deus incriado: o Pai decide e ordenada, o Filho executa e forma, o Espírito nutre e aumenta, o homem paulatinamente progride e se eleva a perfeição (Ch. IV 38,3).

E qual é essa perfeição? O ser humano se "aproxima do Incriado, perfeito por não ser criado, e este é Deus" (Ch IV, 38,3), ao aproximar-se de Deus alcança a perfeição, por isso, há uma ordem: o ser humano primeiramente precisaria ser criado, depois de criado, deveria crescer, depois de crescido, se fortalecesse, depois de fortificado, se multiplicar, depois de multiplicado, se consolidar, depois de consolidado, glorificado, depois de glorificado, visse o seu Senhor (Ch IV, 38,3).

Ireneu esclarece que "é Deus que deve ser visto, um dia, e a visão de Deus causa a incorruptibilidade, e a incorruptibilidade produz o estar junto de Deus" (Ch IV, 38,3). Para Ireneu, a divinização, a incorruptibilidade consiste em ver Deus, por isso, o seu axioma tão conhecido: "A glória de Deus é o homem que vive e a vida do

¹⁴ Do original: Adán y Eva poseían una índole e inteligencia infantiles, como cumple a individuos recién venidos a la existencia y llamados a crecer y hacerse hombres perfectos.

homem consiste na visão de Deus" (Ch IV, 20,7).

O ser humano foi criado ainda criança que precisa crescer. Durante sua vida, recebe do Verbo o Espírito e, por meio deste, deve assemelhar-se ao Verbo. Esse é o crescimento que Ireneu de Lião elucida. Assemelhando-se ao Verbo, este o apresenta à visão de Deus, e ao ver Deus, o ser humano alcança a incorruptibilidade, ou seja, ele é divinizado. Portanto, essa é a vocação do ser humano: tornar-se imagem e semelhança de Deus de forma plena e, assim, ser divinizado.

Considerações finais

A partir da presente pesquisa, é possível perceber que existe hierarquia no ser humano dos gnósticos; aliás, é possível falar dos seres humanos elitizados, que são os que serão salvos (pneumáticos), dos seres humano razoáveis (psíquicos), que são aqueles que não serão nem condenados, mas nem vão receber o prêmio dado aos da mais alta "classe" de ser humano, e os seres humanos que não serão reunido ao plérroma (hilicos).

Ireneu contrapõe a visão gnóstica e apresenta o ser humano integral, formado de corpo, alma e espírito. Este foi criado por Deus para alcançar a salvação que significa alcançar a visão de Deus, chamada pelos Padres da Igreja de divinização ou deificação. A concepção de ser humano de Ireneu é otimista e é sem dúvida retomada pela teologia nos últimos séculos, como é o caso da *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II.

A concepção gnóstica de separar corpo e alma, espírito e matéria sempre esteve presente durante a história e é possível perceber resquícios de tais formas de pensamento nos dias de hoje. Percebe-se, por exemplo, certas formas de espiritualidade que negam o valor do corpo humano para que se alcance a salvação unicamente da alma. Tais espiritualidades pregam que se deve fugir do mundo, da matéria, para se salvar.

Negar o valor do corpo pode ter consequências, inclusive práticas, sociais, de modo que, se o que importa é a salvação da alma e não do corpo, não há necessidade de ajudar quem tem necessidades materiais (alimentos, roupa,

moradia etc.), passa por sofrimentos no corpo, na carne. Por isso, urge a necessidade de resgatar a antropologia integral, semita, bíblica que o teólogo de Lião apresenta, pois Deus quer a salvação de todos os seres humanos na sua integralidade.

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOGAZ, A. S.; COUTO, M. A.; HANSEN, J. H. *Patrística: caminhos da Tradição cristã*. 5. reimp. São Paulo: Paulus, 2014.
- LIÃO, Ireneu de. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. Intr., notas e comentários de Helcion Ribeiro. Organização das notas bíblicas de Roque Frangiotti. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- LYON, Ireneu de. *Demonstração da pregação apostólica*. Tradução de Ari Luis do Vale Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2014.
- MAIA, Geraldo dos Reis. A soteriologia ireneana e seu influxo na constituição *Gaudium et spes* como relevância para a acolhida da salvação na Alta Modernidade. 2013. Tese [Doutorado em Teologia]. Pontifícia Universidade Gregoriana – Faculdade de Teologia, Roma, Itália, 2013.
- MCKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. 11 reimp. São Paulo: Paulus, 2013.
- ORBE, A. S. I. *Antropologia de San Ireneo*. Madrid: BAC – Biblioteca de Autores Cristianos, 1969.
- ORBE, A. S. I. *Teologia de San Ireneo I: comentário al libro V del "Adversus haereses"*. Madrid: La Editorial Católica, S. A., 1985.
- PADOVESE, L. *Introdução à teologia patrística*. Tradução de Orlando Soares Moreira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- SESBOUÉ, Bernard. *História dos dogmas: o Deus da salvação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. t. 2.
- SINGLES, D. *A glória de Deus é o homem vivo: a profissão de fé de santo Ireneu*. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2010.
- SOUZA, José Neivaldo de Souza. O destino do homem no plano de Deus: uma análise da antropologia patrística sobre a "imagem e semelhança". *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 1, n. 1. p. 119-145. 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/21528/20638>. Acesso em: 19 mar. 2019.

Maycon Renan da Silva Santos Boni

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba, PR, Brasil. Pós-doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), em Curitiba, PR, Brasil. Presbítero da Diocese de Paranavaí, PR, Brasil.

Endereço para correspondência

Maycon Renan da Silva Santos Boni
Diocese de Paranavai
Praça do Expedicionário Juca Perez
Centro, 87920000
Santa Cruz de Monte Castelo, PR, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá
Comunicação e submetidos para validação do autor
antes da publicação.*